

O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS¹

“Se você me disser eu esquecerei;
se você me mostrar eu lembrarei;
mas se você me envolver, eu compreenderei.”

Confúcio

O presente trabalho tem como objetivo apresentar alguns esclarecimentos sobre as terminologias presentes na nossa área de estudo. O intuito destas elucidações é justamente trazer respaldo às nossas propostas e concepções sobre o ensino da língua estrangeira. Para tanto, conceituaremos e faremos distinção entre língua materna (LM), segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE), em seguida, analisaremos os conceitos e as principais características dos termos: *aquisição x aprendizagem* e *competência x habilidade*.

1.1 Conceito de Língua Materna (LM), Segunda Língua (L2) e Língua Estrangeira (LE)

Segundo Hammerly², a língua é um sistema completo, complexo, mutável e arbitrário de símbolos primeiramente orais, aprendidos e usados para a comunicação dentro de uma estrutura cultural de uma comunidade lingüística.

As línguas desempenham funções de acordo com a forma de distribuição de seus falantes. São organizadas historicamente e referem-se sempre àqueles que as falam. Por esta razão, consideramos as línguas altamente relevantes ao processo de identificação social.³

Podemos observar alguns funcionamentos específicos das línguas em relação a esta distribuição⁴, são eles:

- Língua Materna ou Primeira Língua (LM ou L1):

Segundo Guimarães⁵, é a língua cujos falantes a praticam por ser esta a utilizada pela sociedade em que nascem; nessa medida ela é, em geral, a língua que se representa

¹ Prof^a Esp. Diana Benevides dos Santos. Faculdade Evangélica de Brasília.

² Hammerly, 1982:26 apud Schütz, 2008:01. *O que é língua?* (tradução nossa). Texto original: *A language is a complete, complex, changing, arbitrary system of primarily oral symbols learned and used for communication within the cultural framework of a linguistic community.*

³ Guimarães. *O multilingüismo e o funcionamento das línguas*. Revista Eletrônica do IPHAN.

⁴ Idem.

como primeira para seus falantes. Spinassé⁶ afirma que a aquisição da língua materna é uma parte integrante da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, pois junto à competência lingüística, se adquirem também os valores pessoais e sociais.

- Segunda Língua ou Língua Segunda (SL ou L2):

Grosso⁷ conceitua Segunda Língua como a língua aprendida em imersão no contexto de integração, adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização⁸. A aquisição de uma Segunda Língua, por sua vez, se dá, quando o indivíduo já domina em parte ou totalmente a sua L1, ou seja, quando ele já está em estágio avançado da aquisição de sua Língua Materna⁹. A exposição à língua-alvo é feita de forma permanente, com acesso a todos os tipos de registros lingüísticos, sobressaindo a interação direta e freqüente com os falantes da língua-alvo e meios de comunicação¹⁰.

Segundo Almeida Filho¹¹, uma L2 pode constituir situações distintas para:

“Indivíduos de uma dada língua residindo temporariamente num outro país falante de outra língua;
Comunidades de culturas e línguas transplantadas num país falante de outra língua e que lá vivem perenemente mantendo (pelo menos em parte) seus atributos originais vivos;
Grupos étnicos autóctones falantes de línguas nativas circundadas por uma língua nacional majoritária como língua segunda;
Uma ou várias línguas autóctones que desenvolveram um creoulo tornado língua normalizada e/ou franca;
Uma língua ou grupo lingüístico que herdou uma língua hegemônica no país, geralmente superposta às línguas autóctones como resultado de colonização;
Grupos falantes de uma língua nova dominante (de um creoulo) que herdaram língua hegemônica de colonização;

⁵ Idem.

⁶ Spinassé, 2006. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. p. 04

⁷ Grosso. *Língua não materna – uma problemática conceptual*.

⁸ Spinassé, 2006. *Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil*. p. 06

⁹ Idem. p. 05

¹⁰ Grosso. *Língua não materna – uma problemática conceptual*. p. 02

¹¹ Almeida Filho, 2007. *Lingüística Aplicada – Ensino de Línguas e Comunicação*. p. 65

Indivíduos de grupo étnico com uma língua própria que precisam aprender a língua de outro grupo étnico distinto de um mesmo país; Jovens falantes de uma língua nativa majoritária em seu próprio país para quem seus pais escolhem uma educação mediada por outra língua (estrangeira) de prestígio.”

- Língua Estrangeira (LE):

De acordo com Guimarães¹², Língua Estrangeira é a língua dos indivíduos de uma Nação e Estado diferente daquela dos falantes considerados como referência, é o caso da língua inglesa no Brasil.

No processo de aprendizado de uma LE não se estabelece um contato tão intenso com a mesma. O ensino/aprendizagem é limitado à sala de aula, em que geralmente o professor e o manual de LE são os modelos privilegiados (e muitas vezes únicos) da língua-alvo¹³.

A grande diferença é que a LE não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a integração, enquanto a SL desempenha um papel até mesmo vital numa sociedade¹⁴. Segundo Ellis¹⁵, o processo de aquisição de uma Segunda Língua ocorre quando “a língua desempenha um papel social e institucional na comunidade¹⁶”, enquanto a de uma Língua Estrangeira, “...em locais onde a língua não possui papel relevante na comunidade e é primeiramente aprendida somente na escola¹⁷”. Numa Segunda Língua se possui uma maior competência e uma maior performance, pois o meio ou a situação exige isso do falante – o aprendiz de língua estrangeira dificilmente precisa chegar a esse nível de conhecimento¹⁸.

Segundo Oxford¹⁹:

¹² Guimarães. *O multilingüismo e o funcionamento das línguas*. Revista Eletrônica do IPHAN

¹³ Grosso. *Língua não materna – uma problemática conceptual*. p. 02

¹⁴ Spinassé, 2006. *Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil*. p. 06

¹⁵ Ellis, 1986 e 1994 apud Spinassé, 2006. p. 06

¹⁶ Tradução nossa. Texto original: “*the language plays an institutional and social role in the community*”

¹⁷ Tradução nossa. Texto original: “*...in settings where the language plays no major role in the community and is primarily learnt only in the classroom*”.

¹⁸ Spinassé, 2006. *Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil*. p. 06

¹⁹ Oxford, 1990. *Language learning strategies: what every teacher should know*. p. 06

*“A diferença entre aprender uma segunda língua e uma língua estrangeira é geralmente vista em termos onde a língua é aprendida e quais funções sociais e comunicativas dentro da comunidade onde se é aprendida. Por exemplo, em países multilíngüe como Bélgica e Canadá, as pessoas precisam de mais de uma língua por questões sociais, econômicas e profissionais. Os refugiados ou imigrantes geralmente têm que aprender uma segunda língua para sobreviver nos países adotados. Em contraste, uma língua estrangeira não possui funções comunicativas e sociais imediatas dentro da comunidade onde se é aprendida; ela é empregada principalmente para comunicação em outros locais, como por exemplo, alguém pode aprender russo nos Estados Unidos, inglês na França ou Alemão na Austrália.”*²⁰

1.2 Aquisição X Aprendizagem

*“O processo de aquisição da segunda língua é considerado como um processo de aprendizagem de vida...”*²¹

Anna I. Escalante, St. Thomas University, Houston TX (tradução nossa)

É importante esclarecer alguns conceitos quando nos referimos ao “aprendizado de línguas”, entre eles está a distinção entre Aquisição²² e Aprendizagem²³ de línguas.

A Aprendizagem de línguas é o conhecimento consciente das regras da língua, não direciona à fluência e derivada da instrução formal. A Aquisição ocorre inconsciente e espontaneamente, direciona à fluência e resulta do uso natural da língua²⁴.

²⁰ (Tradução nossa). Texto original: *“The difference between learning a second language and learning a foreign language is usually viewed in terms of where the language is learned and what social and communicative functions the language serves there. A second language has social and communicative functions within the community where it is learned. For example, in multilingual countries like Belgium or Canada, people need more than one language for social, economic, and professional reasons. Refugees or immigrants usually have to learn a second language in order to survive in their adopted country. In contrast, a foreign language does not have immediate social and communicative functions within the community where it is learned; it is employed mostly to communicate elsewhere. For instance, one might learn Russian in the USA, English in France, or German in Australia.*

²¹ El proceso de adquisición de la segunda lengua se considera un proceso de aprendizaje de vida...

²² Language acquisition

²³ Language learning

²⁴ Krashen, 1982 apud, Oxford, 1990. *Language learning strategies: what every teacher should know*. pg. 04 (tradução nossa). Texto original: *“learning is conscious knowledge of language rules, [...] does not lead to conversational fluency, and is derived from formal instruction. Acquisition [...] occurs unconsciously and spontaneously, does lead to conversational fluency, and arises from naturalistic language use.*

Segundo Oxford²⁵:

“Alguns especialistas sugerem que a aprendizagem não pode contribuir para a aquisição, isto é, que os ganhos no conhecimento não podem influenciar no desenvolvimento subconsciente da linguagem. Entretanto, esta distinção parece ser muito rígida. [...] Nosso conhecimento sobre o que é consciente e o que é subconsciente é muito vago para usarmos confiavelmente a distinção [aprendizagem-aquisição]”²⁶; e mais, alguns elementos de uso da língua são primeiramente conscientes e então se tornam inconscientes ou automáticos através da prática. Muitos especialistas em educação da linguagem²⁷ sugerem que ambas – aquisição e aprendizagem – são necessária à competência comunicativa, particularmente nos níveis de habilidades mais elevados. Por estas razões, uma seqüência de aprendizagem-aquisição é mais precisa do que uma dicotomia em descrever como as habilidades lingüísticas são desenvolvidas.”²⁸

Schütz²⁹ refere-se à aquisição como um processo de assimilação natural, intuitivo, subconsciente, fruto de interação em situações reais de convívio humano, em que o aprendiz participa como sujeito ativo. Ainda sob esta perspectiva, Krashen³⁰ declara que a aquisição requer uma interação significativa na língua-alvo – comunicação natural – na qual os falantes estão interessados não com a forma de expressão, mas com as mensagens que eles estão transmitindo e compreendendo³¹. Silva³² completa esta idéia sobre aquisição

²⁵ Oxford, 1990. *Language learning strategies: what every teacher should know*. p. 04

²⁶ Cf. Littlewood, 1984 apud Oxford, 1990. *Language learning strategies: what every teacher should know*. pp. 04/237

²⁷ Campbell and Walles (1970), Canale and Swain (1980), Hymes (1972), and Omaggio (1986). Oxford, 1990. *Language learning strategies: what every teacher should know*. p. 04

²⁸ (tradução nossa). Texto original: “Some specialists even suggest that learning cannot contribute to acquisition, i.e., that “conscious” gains in knowledge cannot influence “subconscious” development of language. However, this distinction seems too rigid. [...] Our knowledge about what is conscious and what is subconscious is too vague for us to use the learning-acquisition distinction reliably, says one expert; moreover, some elements of language use are at first conscious and then become unconscious or automatic through practice. Many language education experts suggest that both aspects – acquisition and learning – are necessary for communicative competence, particularly at higher skill levels. For these reasons, a learning-acquisition continuum is more accurate than a dichotomy in describing how language abilities are developed.

²⁹ Schütz, 2006. *Assimilação Natural x Ensino Formal*. p. 01

³⁰ Krashen, 1988 apud Schütz, 2006. *Assimilação Natural x Ensino Formal*. p. 01

³¹ (tradução nossa). Texto original: “Acquisition requires meaningful interaction in the target language – natural communication – in which speakers are concerned not with the form of their utterances but with the messages they are conveying and understanding.”

³² Silva, 2006. *Segunda língua: processo de aquisição*. p. 03

afirmando que é o resultado da interação natural com a língua pela comunicação significativa.

Silva³³ também afirma que a aprendizagem é resultado da experiência de sala de aula em que o aluno é o foco do aprender sobre as regras lingüísticas da língua-alvo. É um trabalho progressivo e cumulativo que visa o conhecimento metalingüístico, ou seja, o conhecimento a respeito da língua, do seu funcionamento e de sua estrutura gramatical³⁴.

Assim como Oxford³⁵, acreditamos que tanto a aquisição quanto a aprendizagem são necessárias e relevantes ao ensino de línguas, principalmente à competência comunicativa. Por esta razão, adotaremos neste trabalho o termo *aprendizagem* referindo-se à *aquisição* e *aprendizagem*.

1.3 Competências X Habilidades

Podemos observar transformações consideráveis no sistema educacional brasileiro principalmente nos últimos anos. Estas mudanças têm como principal objetivo melhorar a qualidade de ensino, visando preparar o indivíduo para o mundo globalizado que trouxe consigo alterações nas relações sociais, no intercâmbio de informações e em todo processo do conhecimento. Por este motivo, o currículo educacional passou por várias transformações estruturais, procurando repassar não somente um conteúdo quantitativo, mas também destacar o qualitativo³⁶. Os PCN³⁷ afirmam que:

“O currículo, enquanto instrumentação da cidadania democrática, deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o ser humano para a realização de atividades nos três domínios da ação humana: a vida em sociedade; a atividade produtiva e a experiência subjetiva, visando à integração de homens e mulheres no tríplice universo das relações políticas, do trabalho e da simbolização subjetiva.”

³³ Idem.

³⁴ Schütz, 2006. *Assimilação Natural x Ensino Formal*. p. 02

³⁵ Oxford, 1990. *Language learning strategies: what every teacher should know*. p. 04

³⁶ Santos, 2001. *A realidade do ensino da Língua Inglesa nas escolas de ensino médio com base nos novos PCNs: uma visão crítica comparativa*.

³⁷ PCNEM – Bases Legais, 2000. p. 15

Em consonância com este propósito, os PCNEM³⁸ apresentam os conceitos centrais e peculiares que definem o perfil de cada disciplina para aquisição e o desenvolvimento de competências e habilidades por parte do aluno, descentrando o processo do conteúdo meramente acadêmico.

Os PCNEM³⁹ incorporam o conceito de competência formulado por Perrenoud: “Competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações⁴⁰”.

Ainda Segundo Perrenoud⁴¹, a aquisição de competências e habilidades situa-se no âmbito do sujeito da aprendizagem, como conquista que lhe permitirá saber mobilizar recursos, tanto cognitivos como afetivos, para enfrentar situações complexas.

A relação entre competências e habilidades não é de hierarquia. Também não se trata de gradação, refere-se mais a abrangência, o que significa ver habilidade como uma competência específica⁴². Sob esta perspectiva, as competências e habilidades são mobilizadas e se constroem em rede, não isoladamente⁴³.

Para Berger Filho⁴⁴, competências são esquemas mentais, ou seja, as ações e operações mentais de caráter cognitivo, sócio-afetivo ou psicomotor que mobilizadas e associadas a saberes teóricos ou experienciais geram habilidades, ou seja, um saber fazer.

*“Competências são as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer. As habilidades decorrem das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do “saber fazer”. Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova reorganização das competências”.*⁴⁵

³⁸ PCNEM – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, 2000. p. 30

³⁹ Idem.

⁴⁰ In *Nova Escola*, set./2000 apud, PCNEM – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, p. 30

⁴¹ Perrenoud, 2001 pg. 21 apud PCNEM – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, p 182

⁴² PCNEM – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. p. 16

⁴³ PCNEM – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. p 190

⁴⁴ Berger Filho, 1998 apud Berger Filho. *Currículo e Competências*. p. 03

⁴⁵ ENEM – documento básico, 1998. p. 05

Barros⁴⁶ afirma que existem competências e habilidades necessárias à formação de educandos e educadores, mas estas não são fixas, ao contrário, elas se desenvolvem de acordo com as necessidades de professores, alunos e da comunidade em que estão inseridos.

Segundo Ribas⁴⁷ a competência pedagógica não é estática, pois depende da época, dos interesses da sociedade, logo, ela não é dada, mas construída no decorrer da vida e no debruçar-se sobre a própria prática, no movimento dialético ação-reflexão-ação.

Quanto à aprendizagem e ao uso de tecnologias Barros⁴⁸ declara que:

“As competências e habilidades só são desenvolvidas num trabalho interdisciplinar e contextualizado, mas para que isto ocorra o professor tem que estar apto a desenvolver sua própria postura interdisciplinar e contextualizada. [...] As tecnologias devem ser utilizadas como suportes para a aprendizagem, onde cada uma destas não são apenas meios de comunicação ou distração, mas fontes de conhecimento, devendo ser interpretadas, analisadas e contextualizadas na busca do desenvolvimento de habilidades e competências que levem a aprendizagem significativa.”

Referente à Língua Estrangeira Moderna, os PCN estabelecem as competências e habilidades a serem desenvolvidas pela disciplina, são elas:

Representação e comunicação	<ul style="list-style-type: none">• Escolher o registro adequado à situação na qual se processa a comunicação e o vocábulo que melhor reflita a idéia que pretende comunicar.• Utilizar os mecanismos de coerência e coesão na produção oral e/ou escrita.• Utilizar as estratégias verbais e não-verbais para compensar as falhas, favorecer a efetiva comunicação e alcançar o efeito pretendido em situações de produção e leitura.• Conhecer e usar as Línguas Estrangeiras Modernas como instrumento de acesso a informações a outras culturas e grupos
------------------------------------	---

⁴⁶ Barros. *Competências e Habilidades*.

⁴⁷ Ribas, 2001 apud, Barros. *Competências e Habilidades*.

⁴⁸ Barros. *Competências e Habilidades*.

	sociais.
Investigação e compreensão	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender de que forma determinada expressão pode ser interpretada em razão de aspectos sociais e/ou culturais. • Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de idéias e escolhas, tecnologias disponíveis).
Contextualização sócio-cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Saber distinguir as variantes lingüísticas. • Compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz.

Tabela 1 - Fonte: Santos, 2001, p. 17

